

ARTESANATO / ARTE

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



No passado se fazia uma grande diferenciação entre arte, artesanato, moda, design; mas após Marcel Duchamp, em 1917, ter introduzido a ideia de que objetos comuns da vida cotidiana podem ser transportados para o campo da arte e expostos -sem que o artista os modifique- como obras de arte, a discussão sobre o que é ou não arte tornou-se muito flexível. É só frequentarmos algumas exposições contemporâneas para perceber isto. Duchamp considerava as idéias e a conceituação tão importantes quanto a obra de arte em si. Ele também evidenciou o poder das instituições, que decidem que o que está dentro de seus espaços é arte, e o que está fora, não.

Atualmente as barreiras estão muito mais flexíveis e as diferentes manifestações se interligam, mas o artesanato sofre ainda grande preconceito e é pouco valorizado. Aos poucos vemos surgirem tentativas de mudar este quadro. Ronaldo Fraga, um dos nossos maiores estilistas e grande entusiasta das raízes brasileiras, usa rendas, tricôs etc. em suas criações e acha que o brasileiro valoriza pouco o artesanato por dificuldade de apropriação da sua própria cultura e também por falta de autoestima. Fraga foi eleito este ano um dos sete estilistas mais inovadores do mundo pelos curadores do Design Museum, de Londres, e já teve suas coleções desfiladas e expostas no Japão, na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina.





Fachada do Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, localizado na Praça Tiradentes

O artesanato do Brasil apresenta grande diversidade e criatividade. Os produtos são como um espelho das identidades locais e revelam o imaginário nacional, a alma e a formação cultural do brasileiro. Para valorizá-lo está sendo criado no Rio de Janeiro o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, um espaço que buscará a conexão e o diálogo com outros segmentos, como o design, as artes visuais, a arquitetura, a arte e a cultura popular. O espaço, iniciativa do Sebrae, terá oficinas, exposições, loja, shows, e ensinará aos artesãos como comercializar seus produtos para evitar que sejam explorados – o que é muito comum. Será um espaço inovador, que funcionará como uma grande vitrine da produção artesanal de todo o país. Será criada também uma plataforma digital que possibilitará vendas online.



O Centro funcionará em três prédios históricos da Praça Tiradentes (centro), que sobreviveram às transformações urbanas dos últimos 200 anos e que passam por uma completa recuperação. As três construções estão sendo unificadas e restauradas mantendo-se suas características originais. Em um dos casarões, em meio à obra de restauro, está sendo realizada a exposição “A Potencia do Objeto”, que reúne peças de artistas populares e artesãos de várias regiões do país. A coordenação de curadoria e o projeto expográfico são de Jair de Souza.

As instalações apresentam as obras agrupadas, potencializando sua importância na medida em que objetos aparentemente iguais revelam-se diferentes entre si. São sete conjuntos de peças escolhidos a partir de seus mestres, história e cultura.



A mostra é uma viagem pelas regiões do Brasil. O percurso começa em Pernambuco, com uma homenagem ao Mestre Nuca e seus Leões de Tracunhaém. Mestre Nuca dizia que “o barro ou vira santo, ou vira panela”, mas deste mesmo barro fez surgir figuras totêmicas, assírias, enigmáticas. Sua primeira inspiração foram os leões de louça portugueses dos casarões do Recife antigo. Na exposição seus leões encontram a companhia dos de seu filho Marcos Borges da Silva, que, dessa maneira, imortaliza e dá sequência á obra de seu pai e mestre, que morreu em fevereiro de 2014.



Leões de Tracunhaém –Nuca e Marcos de Nuca –
Tracunhaém, PE – Barro cozido.



Os leões expostos junto a esculturas que voltarão à fachada do prédio

Em 2005 Mestre Nuca recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco. A lei brasileira considera “Patrimônio Vivo” pessoas que têm conhecimentos e técnicas considerados importantes para a preservação da cultura de uma comunidade (dança, literatura, gastronomia, música, teatro, artesanato, dentre outras práticas da cultura popular que vivenciam). Elas recebem um pagamento vitalício para passar seu conhecimento às novas gerações.



Rendas, Bordados, Bonecas de Zezinha e Cabeças de Irinéia na exposição

Rendas e bordados de diferentes regiões provocam um mergulho no universo feminino. As rendas delicadamente tramadas pelas mulheres revelam suas histórias. Este artesanato foi trazido pelos europeus a partir do século XVIII e se espalhou pelo Brasil, modificando-se em cada lugar, ganhando novos pontos, tramas e sotaque regional. O material usado pela artesã, a linha, a maneira como é tramada e os motivos definem as variações. É um saber passado de mãe para filha, que exige habilidade manual e é carregado de riqueza estética. A história do bordado e da indumentária sempre caminharam lado a lado, desde antigas civilizações. Assim como na renda, existem várias técnicas e estilos e os motivos vão se modificando com o passar do tempo, mas cada bordado, de certa forma, carrega a identidade de toda uma comunidade, um pouco do seu passado. Os bordados brasileiros são herança dos imigrantes.

O Vale do Jequitinhonha, em Minas Ferais, é representado pelas bonecas de barro de Zezinha, que estão entre as mais conhecidas cerâmicas da região. Zezinha aprendeu a modelar o barro com seus pais, também ceramistas. Suas bonecas têm um olhar enigmático e ao longo do tempo foram ficando mais sofisticadas, com ricos vestidos cheios de detalhes e pequenos adereços. São noivas, mães com seus filhos, moças em suas tarefas domésticas; mulheres idealizadas, impecáveis, elegantes. Feminilidade pintada com barro rosa claro e branco, e com pigmentos de minérios da região que são aplicados antes da queima no forno a lenha.



As bonecas de Zezinha



Cabeças de Irinéia

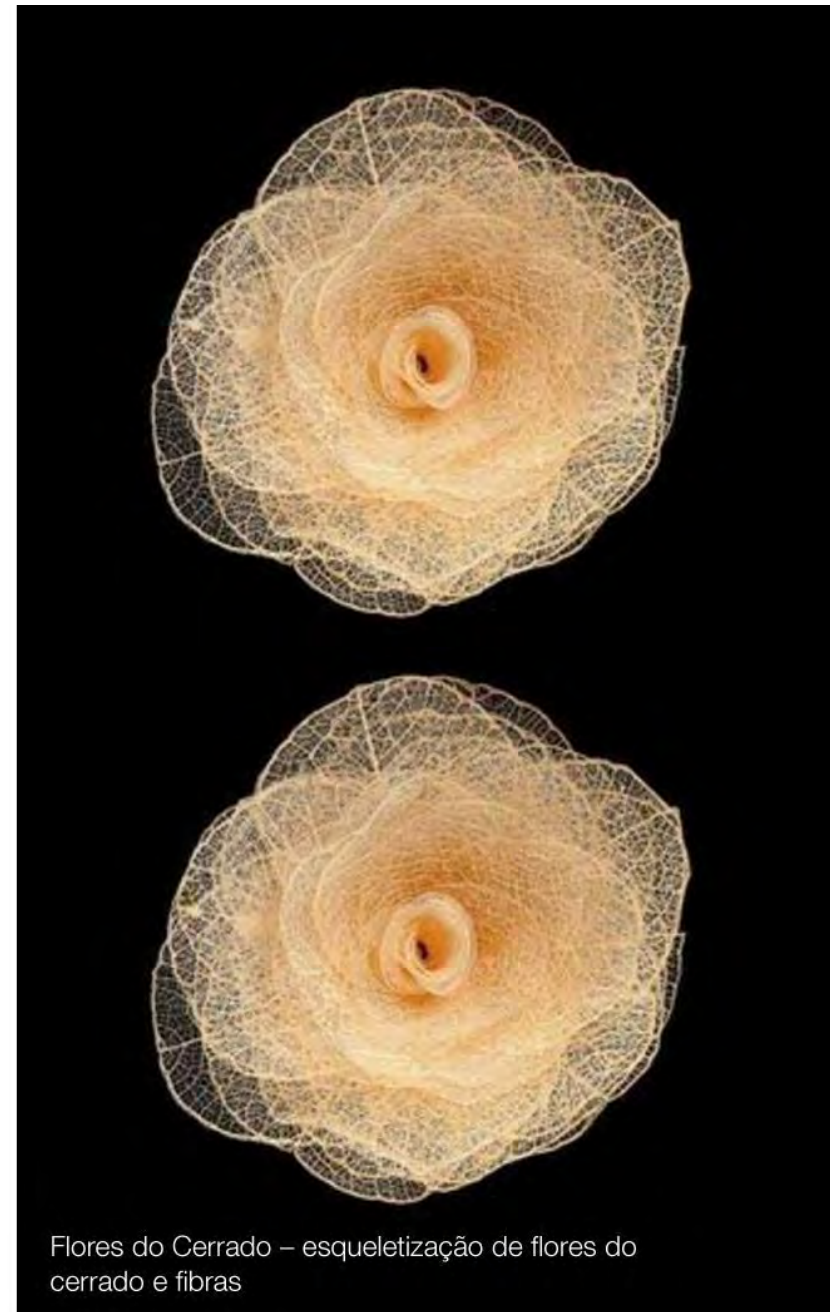
A seguir o visitante se depara com as Cabeças de Dona Irinéia, artesã que já foi indicada ao Prêmio Unesco de Artesanato para a América Latina e o Caribe em 2004 e faz parte do registro do Patrimônio Vivo de Alagoas. Foi na comunidade quilombola do Muquém, em Alagoas, que Irinéia Nunes da Silva começou a modelar no barro cabeças enigmáticas que manifestam os mais diversos sentimentos e têm potencia impressionante.

O trabalho sempre é feito com o marido, Antônio Nunes. É ele quem retira o barro da margem do rio Mundaú e pisa na argila até amaciá-la. É então que Irinéia modela as cabeças, que depois irão para os fornos artesanais. O talento do casal é reconhecido no mundo. As “Cabeças de Irinéia” fazem parte de diversas coleções de arte.

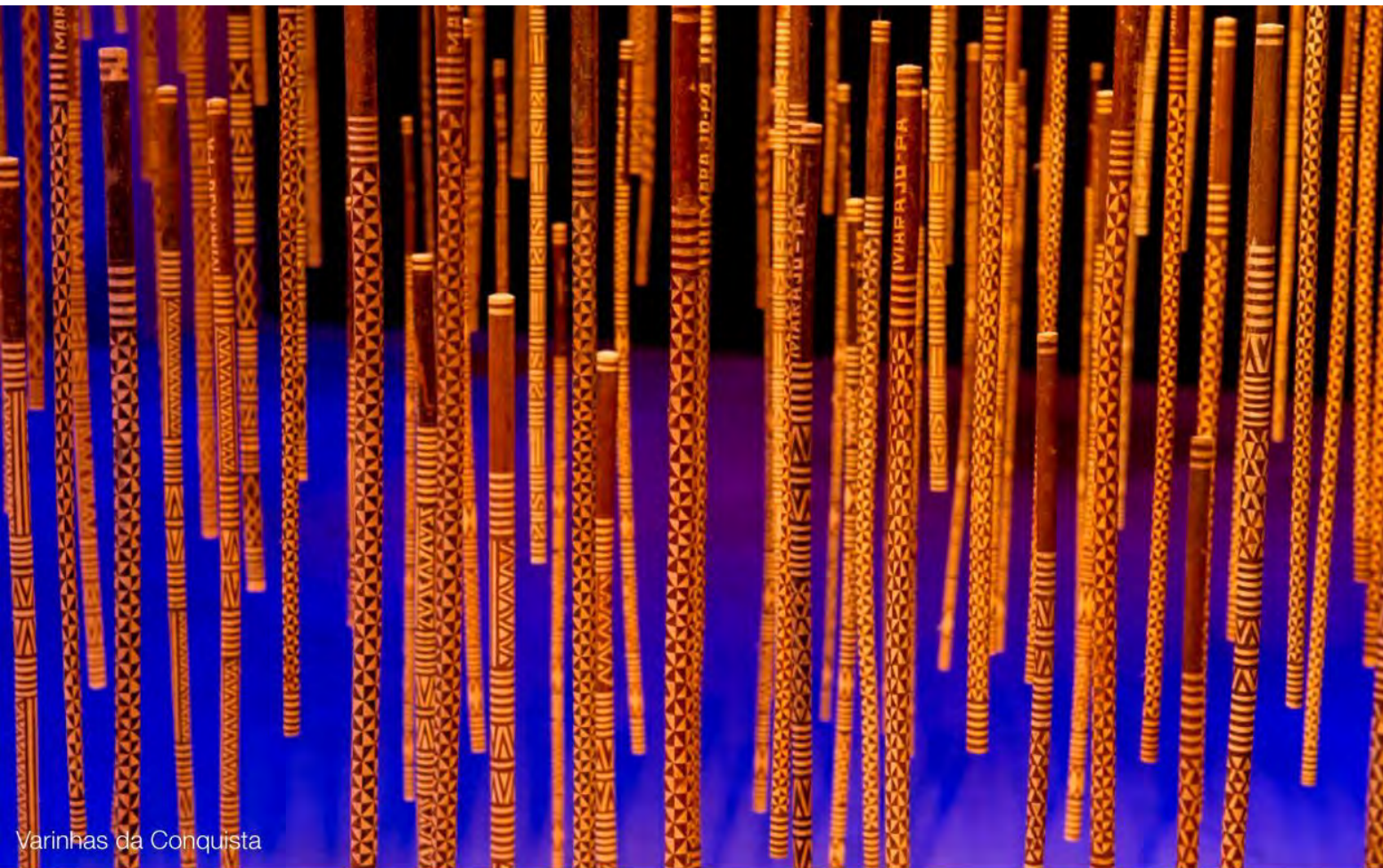
O Distrito Federal está representado pelas Flores Secas do Cerrado, do grupo Flor do Cerrado Design e Artesanato, de Samambaia. Pelas mãos dos artesãos folhas se transformam em flores, tão delicadas que parecem rendas. Um trabalho poético e belo que nos remete ao coração desta região de clima árido. As folhas do cerrado passam pela esqueletização - um processo de secagem- e são misturadas com pequenas hastes e sementes: assim nascem as flores. Em tons naturais ou coloridas com urucum, açafraão e casca de caju, as flores representam uma força empreendedora vital para a economia da região.



Flores do Cerrado – esqueletização de flores do cerrado e fibras



Flores do Cerrado – esqueletização de flores do cerrado e fibras



Varinhas da Conquista

Do Pará vêm as 700 Varinhas da Conquista, feitas por famílias da Ilha do Marajó. São obras esculpidas em finos galhos de árvores que se inspiram em padrões gráficos Marajoaras; objetos simples e carregados de afetos ancestrais, destinados a proteger dos infortúnios. Dê de presente a alguém que você ama essa varinha e conquistará para sempre o seu coração - uma tradição passada de mãe para filha que aos poucos desaparece.

Chega-se então ao Rio Grande do Sul, através das Luminárias de lã de ovelhas criadas pela Associação de Artesãos Ladrilã, que é composto de artesãos das cidades de Pedras Altas e Pelotas. O encontro da lã com a luz cria uma atmosfera acolhedora e surpreende pelas formas e texturas. As surpreendentes luminárias foram premiadas em 2011 na 25ª edição do Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira, em São Paulo.

Louvável a iniciativa de criação do Centro para valorização do artesanato, evidenciando seu valor artístico. Nas palavras de Ferreira Gullar “O artesanato está entre as primeiras formas de ação do homem sobre o meio ambiente e sobre si mesmo. É com as mãos que ele começa a construir, no mundo natural, o seu próprio mundo, e começa também a se construir e a se inventar como ser humano- ele se torna humano, pelo trabalho e pela inteligência. Pode-se dizer, sem exagero, que os objetos que até hoje o homem produz com as mãos são o recomeço dessa descoberta que ele fez de si mesmo e do mundo no alvorecer da História”.



Luminárias de lã de ovelha na exposição